Revista Diversidade e Educação

"A MULHER MAIS LINDA DO MUNDO POR ACASO ERA UM HOMEM.": EDUCANDO SOBRE OUTRAS MASCULINIDADES ATRAVÉS DOS ARTEFATOS CULTURAIS

"LA MUJER MÁS BELLA DEL MUNDO FUE POR CASUALIDAD UM HOMBRE.": EDUCAR SOBRE OTRAS MASCULINIDADES A TRAVÉS DE ARTEFACTOS CULTURALES

"THE WORLD'S MOST BEAUTIFUL WOMAN WAS BY COINCIDENCE A MAN.": EDUCATING ABOUT OTHER MASCULINITIES THROUGH CULTURAL ARTIFACTS

José Rodolfo Lopes da Silva[1]

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo problematizar aquilo que aprendemos a ver como o "homem de verdade" e a potência pedagógica, social, estética e política dos artefatos culturais como, por exemplo, filmes, séries, novelas, documentários, etc. Para tal serão analisadas diferentes passagens do documentário *I am Divine*, que conta a história de Harris Glenn Milstead – intérprete da *drag queen* Divine, famosa por suas músicas e filmes do cinema underground estadunidense. Através das entrevistas, fotos, registros audiovisuais pessoais e jornalísticos da produção podemos refletir sobre questões como, por exemplo, gênero, sexualidade, sucesso, entre outras. Dessa forma, a obra cinematográfica nos permite descolar de concepções essencialistas e binárias sobre o "ser homem", entender que há outras opções para além daquilo que está posto como "sucesso" e que artefatos culturais podem fomentar debates, ensinar e fazer repensar sobre modos de ser e estar nas relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Educação. Drag queen. Artefatos culturais.

RESUMEN

[1] Mestre em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

(cc) BY-NC-SA

Este artículo tiene como objetivo discutir lo que hemos aprendido a ver como el "hombre real" y el poder pedagógico, social, estético y politico de los artefactos culturales, como películas, series, novelas, documentales etc. Para esto, se analizarán diferentes pasajes del documental I am Divine, que cuenta la historia de Harris Glenn Milstead, intérprete de la drag queen Divine, famosa por sus canciones y películas del cine underground estadounidense. Através de entrevistas, fotos, registros audiovisuales personales y periodísticos de la produccíon, podemos reflexionar sobre temas como género, sexualidad, éxito, entre otros. Por lo tanto, el trabajo cinematográfico nos permite despegar de las concepciones esencialistas y binarias sobre "ser un hombre", para comprender que hay otras opciones además de lo que se considera "éxito" y que los artefactos culturales pueden fomentar el debate, enseñar e nos hacer repensar formas de ser y estar en las relaciones sociales.
PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Educacion. Drag queen. Artefactos culturales.

ABSTRACT
This article aims to discuss what we have learned to see as the "real man" and the pedagogical, social, aesthetic and political power of cultural artifacts, such as films, series, novels, documentaries, etc. In order to do this, different passages will be analyzed from the documentary I am Divine, which tell the story of Harris Glenn Milstead – the artist behind the drag queen Divine, famous for her songs and movies from the US underground cinema. Through interviews, photos, personal and journalistic audiovisual records of the production we can reflect on issues such as gender, sexuality, success, among others. Thus, the cinematographic work allows us to take off from essentialist and binary conceptions about "being a man", to understand that there are other options than what is considered "success" and that cultural artifacts can foster debates, teach and make us rethink ways of being in social relations.
KEYWORDS: Masculinities. Education. Drag queen. Cultural artifacts.

* * *

As pessoas gostam de rir do sexo.

As pessoas gostam de rir de coisas imundas.

E eu acho que as pessoas gostam de se chocar.

Então esse é o meu trabalho, sair e chocar essas pessoas.

Harris Glenn Mistead / Divine

Introdução

(cc) BY-NC-SA

I am Divine é um documentário estadunidense, do ano de 2014, produzido e dirigido por Jeffrey Schwarz da *Automat Pictures* – produtora com base em Los Angeles. Mesmo que não conhecida por muitos/as a fundo, é possível que Divine já tenha sido percebida devido a sua caracterização – que destoa daquilo que, comumente, aprendemos a ver como o natural. Entretanto, anteriormente a Divine temos Harris Glenn Misteald, nascido no ano de 1945, a pessoa que "dava vida" à famosa *drag queen*. O documentário, que tem duração de 90 minutos, tem início, brevemente, com o ápice da carreira de Glenn/Divine[2]. Em seguida fases de sua vida como a infância e adolescência em Baltimore, a relação com os pais, colegas de escola, namorada, o se entender homossexual, o encontro com a comunidade LGBTTI+[3] e a escolha de uma carreira que não tinha o sucesso como garantia atravessam essa produção. Trazem à tona questões de masculinidade, gênero, sexualidade, relações de poder-saber, sucesso, entre outros.

Percebendo a potência que o documentário apresenta para discussões, realizei a seleção e descrição de algumas cenas e diálogos da produção - que conta com entrevistas de amigos/as, familiares e artistas assim como registros audiovisuais e fotográficos da carreira/vida pessoal de Glenn/Divine - como detonadores da discussão. Interessa pensar como artefatos culturais, ao dar visibilidade a outras narrativas, vêm contribuindo para a in(ter)venção dos/nos sujeitos, relações, discursos, saberes, verdades, diferenças. Parte-se de uma metodologia que se constrói no decorrer do processo investigativo, que não busca uma verdade absoluta, respostas rígidas e universais, mas que apontam outros caminhos, outras formas de olhar para nós mesmos, para nossa sociedade e aquilo que nos (re)constrói (MEYER; PARAÍSO, 2012).

A escolha do documentário como objeto de análise para este artigo se dá pelo fato de trabalhar com o investimento de que passamos por diferentes processos pedagógicos no decorrer de nossas vidas – que podem estar para além do muro da escola. Somos

[2] O uso do nome Glenn ao invés de Harris se dá pelo fato de ser como as pessoas comumente se referiam a ele, informação mencionada por sua mãe em uma das entrevistas. Também optei por marcar o nome Glenn e Divine uma vez que no decorrer do documentário as pessoas faziam esse intercâmbio se referindo algumas vezes como Glenn, algumas vezes como Divine, em alguns momentos como ele e em outros como ela.

[3] A sigla apresenta variações e vem sendo ressignificada ao decorrer dos anos. Para este artigo a sigla LGBTTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Intersexuais) será adotada como forma de dar visibilidade a essas outras identidades de gênero e orientações sexuais. O sinal de + é utilizado como forma de incluir pessoas que não se sintam representadas pelas outras letras e indicar de que o processo de (re)construção da mesma não se finda.

(cc) BY-NC-SA

(re)construídos enquanto sujeitos de forma infindável através da escola, família, religião, o mercado de trabalho, o Estado, a medicina, as novelas, séries, gibis, livros, propagandas, a internet, as redes sociais, entre tantas outras. Esses diferentes processos (re)produzem não unicamente sujeitos, mas também valores, saberes, ensinam condutas e modos de ser/estar em diferentes contextos da forma mais "natural" possível. (SABATH, 2001; LOURO, 2008).

Dessa forma, propõe-se aqui que passemos a enxergar documentários – mas não se limitando a essas produções – através de sua potência pedagógica, social, estética e política (ELLSWORTH, 2001). Estar aberto/a a assistir um documentário como o que conta a história de Divine – em meio a entrevistas, fotos, registros audiovisuais pessoais e jornalísticos – diz de possíveis investimentos para a ressignificação daquilo que vem nos sendo ensinado acerca de diferentes questões. Uma produção como essa pode instituir diferentes debates, nos provocar e permitir que coloquemos sobre suspeita aquilo que aprendemos a ver de forma "natural" e em um processo de relação outras questões, sujeitos de forma patológica, marginalizada, não-humana, merecedora de afeto e/ou oportunidades.

"*Quando Glenn tinha 10 anos eu o levei ao pediatra que me disse que Glenn era mais feminino que masculino.*": a (re)produção dos gêneros nas relações

A infância de Glenn/Divine, segundo o documentário, traz alguns elementos sintomáticos de como uma sociedade e família habitualmente lidavam (em diferentes contextos tais circunstâncias e tantas outras ainda ocorrem) com meninos que não correspondiam ao que lhes era esperado - baseado naquilo que é legitimado/construído socialmente como "masculino", a essência do "verdadeiro homem". As cenas também nos possibilitam colocar sobre suspeita arquétipos engessados, que aprendemos a enxergar como naturais, inerentes aos corpos. Ações que possibilitam que enxerguemos algumas brincadeiras, roupas, acessórios, cortes de cabelo, profissões, entre outras atividades pertencentes a uns/umas e não a outros/as.

Logo no começo do documentário ao dar um de seus depoimentos sobre a infância de Glenn/Divine, Frances Milstead, sua mãe, narra sobre seus hábitos e interesses. "*Ele foi um bom menino. Sempre teve boas maneiras. Adorava ir para a escola dominical. Glenn gostava de assistir musicais. Brincava com sua prima e suas bonecas, arrumava*

(cc) BY-NC-SA

seus cabelos e sempre queria ser a mãe.[4]", ela disse em meio a fotos de arquivo que mostram um pequeno Glenn/Divine sorridente, seja posando para uma foto ou despretensiosamente desenhando na sala em seus pijamas. Também surgem antigas gravações em que ele está utilizando vestidos e acessórios de sua mãe.

Judith Butler (2000, 2003), ao propor o gênero como performativo nos possibilita descolarmos de concepções essencialistas em que há atividades e indumentárias corretas para meninos e para meninas. Segundo ela, o gênero como performativo pressupõe que a perfomatividade é processual e relacional, ou seja, ela não diz de um ato singular, mas uma repetição de um padrão ou um conjunto de padrões. Podemos ter a suposição de que há algo "real" no "ser homem" ou "ser mulher". "Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação" (BUTLER, 2003, p. 200).

Em outro momento da produção, Frances Milstead relata uma visita que ela e Glenn/Divine fizeram ao pediatra. "*Quando Glenn tinha 10 anos eu o levei ao pediatra que me disse que Glenn era mais feminino que masculino. Quando o Dr. Anderson me disse aquilo, eu chorei.*", ela narrou. A mãe, emocionada ao reviver essa história, conta que seu filho perguntou o que o médico havia dito de tão ruim ao que ela respondeu: "*Glenn, não importa o que aquele médico me disse. Você sempre será o meu bebê e eu sempre o amarei. Lembre-se disso.*". A ação do médico sobre Frances tinha um investimento, mostrar que seu filho não condizia com aquilo que era esperado dele socialmente. Um movimento que não diz somente desse profissional, mas também de processos culturais, sociais, históricos e de relações de poder-saber que instauram relações, sujeitos, a sociedade em que vivemos.

A medicina, mas não somente ela, opera assim sobre a (re)produção de sujeitos, de populações, de uma sociedade. Ações que vêm sendo reiteradas e reconfiguradas há algum tempo. A partir do século XVIII o sexo passa a ser visto e falado de outra forma, criando discursos sobre ele que se baseiam em uma moralidade e - suposta - racionalidade. Não basta sentenciar e tolerar o sexo. É preciso administrá-lo. Os governos passam, através da economia política da população, a construir redes de observação sobre o sexo. Passa-se assim a falar do sexo não menos, mas de outras formas. São outras

[4] As falas analisadas estarão destacadas em itálico.

(cc) BY-NC-SA

vozes, outros olhares, outros pontos de vista que engendram outros resultados. A medicina, assim como os colégios, passam a produzir discursos sobre o sexo, suscitando sua (re)produção através de seus/suas interlocutores/as. Fazendo com que, em uma teia de discursos, hora as pessoas falem de si mesmas, hora dos/as outros/as, seja através de conhecimentos canônicos ou (re)produzindo, através delas, um saber que lhes escapa. É a intensificação dos poderes através da distribuição profusa dos discursos (FOUCAULT, 1988). Podemos, a partir de tais proposições, pensar que não há algo errado em um menino como Glenn/Divine fazer uso de objetos "femininos", ter trejeitos mais delicados – uma vez que dizem de atitudes "femininas" –, explorar esse "outro lado da fronteira", que comumente não é de livre acesso para todos/as.

Talvez seja mais interessante pensar/questionar o porquê há por parte de alguns/mas pessoas, áreas, instâncias, olhares de incômodos com tais cenários, sujeitos. Pensar que há saberes/relações de legitimidade e que assim que um/a médico/a trata tais questões dessa forma elas também podem causar efeitos. A mãe de Glenn/Divine poderia ter tido outra reação após essa consulta com o especialista. Considerando que o ocorrido se deu em meio a década de 1950 quando as discussões/entendimentos eram diferentes das que já vemos mais comumente hoje em dia, entende-se que os pais de Gleen/Divine pudessem ter recorrido a meios nocivos como, por exemplo, terapias de conversão - práticas violentas e ainda vigentes/legais em alguns locais. Em um momento do documentário é exibida uma peça publicitária da época que falava sobre homossexuais. "*Há homossexuais em todas as classes sociais. Exceto por cabeleireiros e poucas outras profissões suas presenças passam despercebidas.*", dizia um trecho. Junto à mensagem havia uma gravação em que diferentes homens se encontravam em um bar. O espaço apresentava pouca iluminação enquanto esses homens bebiam suas cervejas, fumavam seus cigarros e conversavam.

Entretanto os homossexuais representados no vídeo não se vestiam e tampouco se portavam de forma distinta de heterossexuais. Podemos pensar que dessa forma essa ação também dizia de um investimento. Ao mostrar os gays "masculinos" com suas roupas, trejeitos, cortes de cabelo, etc como o "natural", portanto desejável, também era criada uma verdade, discursos acerca do tipo de homossexual aceitável, a maneira "correta" de "ser homem". Joan Scott (1995) propõe que pensemos no gênero como uma forma de nos organizar socialmente. Segundo ela, é preciso que (re)pensemos esse saber de forma

(cc) BY-NC-SA

monolítica e que naturaliza posições como, por exemplo, homens são mais fortes e mulheres mais delicadas. Talvez questionar esses saberes, posições e imagens que aprendemos a construir possa nos possibilitar não necessariamente adotar outras atividades, indumentárias, cortes de cabelo para nós mesmos, mas (re)pensar nossa relação com a sociedade, com a nossa cultura, com o/a outro/a. Diz também de uma aposta, uma vez que se defendemos que algo é construído logo torna possível a sua desconstrução para a construção de algo novo.

Glenn/Divine durante boa parte de sua infância passou por questões com a auto imagem e com relações interpessoais. Desde o isolamento devido ao seu peso e aparência a violências físicas e simbólicas sofridas na escola. "*Ele apanhava todos os dias na escola. Os momentos não eram saudáveis.*", contou John Waters, famoso cineasta e amigo pessoal de Glenn/Divine – que era sua musa. "*Todos os dias me esperavam para me bater depois da escola até o ponto que eu tinha marcas azuis, roxas e tinha medo de falar algo porque me ameaçavam. Eu odiava a escola e aquela situação.*", contou Glenn/Divine em uma entrevista. Situações como essas nos mostram que havia – e ainda há – em espaços escolares processos de afastamento, exclusão que se manifestam desde violências físicas a simbólicas com alguns sujeitos que circulam por esses espaços. Ocasionalmente enxergamos ações com tal "naturalidade", como a "ordem das coisas" o que pode levar ao não compromisso que a escola deve ter que é, entre outras coisas, preparar esses sujeitos para conviver em uma sociedade que é diversa no tocante às questões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero (LOURO, 2003).

"*Ele nunca quis ser uma mulher. Era um t-r-a-b-a-l-h-o.*": a potência dos artefatos culturais para os debates

A vida de Glenn/Divine não se resume as hostilidades com as quais ele/a se deparou. Também houve encontros instigantes que o permitissem explorar outras áreas, potências de sua existência. Em uma das entrevistas realizadas Diana Evans, a primeira namorada de Glenn/Divine, conta que durante seu relacionamento, que durou cerca de seis anos, nunca havia imaginado que ele pudesse ser gay. "*Ele se importava. Era atento. Era encantador. Sempre estava preocupado comigo. E tinha um ótimo senso de humor. Sua primeira tentativa de me beijar foi quando ele tinha 16 anos. Foi um beijo doce. Nada animalesco ou luxurioso. Ele queria que eu estivesse bem e fazia questão que eu tivesse coisas. Ele estava ansioso para a formatura. Decidiu que se encarregaria do meu cabelo, maquiagem e*

(cc) BY-NC-SA

das minhas flores.", ela diz. Divine passa, futuramente, a se relacionar somente com outros homens.

Entretanto podemos afirmar que se ele continuasse vivo estaria se relacionando com outros homens? Quem sabe podemos assumir a contingência de que haveria a possibilidade dele estar se relacionando com alguma mulher ou até mesmo outro caminho? Quem sabe não é possível repensar a nossa presunção de operar com a "Verdade". Assumir certezas e verdades absolutas – o que inclui as nossas – pode dizer de processos de exclusão e silenciamento de diferentes questões, sujeitos e vidas. Verdades estão relacionadas aquilo que é possível conhecer em determinado contexto, sendo portanto algo não finalizado, mas em constante mutação (LOURO, 2004a).

Diana foi uma pessoa que conseguiu enxergar Glenn/Divine para além das concepções binárias e heteronormativas que a sociedade vinha/vem construindo. O fato de seu namorado ter interesses e aproximações com aquilo que aprendemos a enxergar como "feminino" não fez com que ela o rejeitasse, o cerceasse. Alguns/mas não tinham o mesmo olhar sobre Glenn/Divine. Com seu interesse e aptidão para cabelos e maquiagens sua mãe e seu pai decidiram lhe comprar um salão de beleza. Seu nome ficou famoso, fazendo com que muitas mulheres passassem a procurá-lo especificamente para algum serviço. Sobre o início dessa carreira sua mãe relata comentários que nos levam a refletir sobre quais olhares/saberes se constroem sobre aqueles que exercem funções/se expressam de formas dissidentes. "*Eu estava em uma loja e ouvi uma mulher dizer: 'Ele faz um bom trabalho. Lindo trabalho, mas é uma bicha.'. E eu pensei: 'Oh, oh, estavam falando sobre o Glenn.'.*", relatou Frances.

As masculinidades são, usualmente, (re)construídas de forma limitada – assim como as feminilidades em um processo relacional – fazendo com que homens sejam vistos de forma "natural" como sujeitos viris, violentos, desorganizados, não emotivos, dominadores, etc. (NOLASCO, 1993; JANUÁRIO, 2016) ao invés de sujeitos que são ensinados a "ser homens de verdade", aqueles que aprenderam a valorizar algumas características – força, competitividade, protetor, etc. – em detrimento de outras – fraqueza, delicadeza, desprotegido, etc. (SEFFNER; NUNES, 2018). Até onde nossos olhares estão habituados a enxergar as pessoas dentro dessas caixinhas através de saberes que pautam somente questões biológicas? Até onde não permitimos homens, independentemente de qualquer orientação sexual, serem delicados, demonstrarem seus

(cc) BY-NC-SA

afetos, beijarem seus amigos, chorarem, falarem de suas dores e angústias, exercerem outras profissões e atividades? Estamos nos permitindo olhar para além da imagem que aprendemos a construir?

A vida de Glenn/Divine começa a passar por encontros inesperados. Um dos primeiros foi com John Waters que também morava em Baltimore durante a mesma época em que o futuro amigo. Desde que o viu pela primeira vez, o cineasta percebeu que Glenn/Divine não era como os outros meninos. "*Divine estava com uma roupa normal e esperava seu ônibus, mas tinha um aspecto muito afeminado. Divine não estava tentando se destacar. Ele tentava passar como um menino normal que ia para a escola, mas ninguém acreditava. Ele nunca poderia passar como normal.*", ele disse. Glenn/Divine não ser considerado dentro do "normal" é como colocá-lo em um não lugar, algo não classificável, como se houvesse outro gênero em que ele se encaixasse, o do esquisito, o gay, o homossexual que por não ter trejeitos "masculinos" não pode ser considerado homem. O que busco aqui é tensionar que masculinidades – e feminilidades – não se referem a homens – e mulheres – concretos, mas sim de diferentes possibilidades, uma vez que é possível identificar atributos "femininos" em homens e vice-versa (CONNELL, 1995; FRANÇA, 2010).

Masculinidades dizem, portanto, de um campo de disputa e tensionamento de valores morais, em que aquilo que se diz, habitualmente, é diferente daquilo que se faz. A masculinidade hegemônica diz de um modelo que é legitimado em determinado contexto. Um saber que nos organiza – homens e mulheres – em nossas relações sociais, culturais, de trabalho, etc., mas que não é atingível por nenhum homem (ALMEIDA, 1996; CONNELL, 2005). Posto que ela diz de um contexto, também podemos pensar que ela não é algo universal. Vem passando por (re)construções em diferentes âmbitos sejam eles sociais, culturais e/ou históricos. Podemos então nos questionar se é Glenn/Divine que não é "normal" ou o contexto que ele estava inserido que não o via como tal.

Conhecer outras pessoas parece ter feito Glenn/Divine se sentir acolhido, explorar outras áreas de seu interesse. Foi como um caminho sem volta para a sua trajetória. "*Ele não queria voltar para casa às 22:00. Talvez ele tivesse algum lugar para ir. Talvez tivesse conhecido algum grupo que não o tivesse agredido e que o tinha aceitado. Então talvez ele só quisesse alguns amigos.*", contou Pat Moran, amiga pessoal e colega de trabalho de Divine. Com a proximidade de um baile de fantasias Divine toma uma

(cc) BY-NC-SA

decisão e convida a sua então namorada. Ao lhe perguntar qual seria a sua roupa ele lhe faz segredo até o dia da festa. Ele então vai até a casa de sua namorada com um amigo, a sua fantasia e ambos entram em um quarto para se arrumarem. Assim que saem do aposento Glenn/Divine está vestido e caracterizado como Elizabeth Taylor. "*Ele queria ser Elizabeth Taylor. Era só o que importava. Ele fumava Salem porque assim ela o fazia.*", conta John Waters.

É interessante perceber o olhar de interesse e admiração de Glenn/Divine sobre o universo "feminino". O documentário enfatiza em diferentes momentos que o/a artista/a *drag queen* se entendia como homem, mas isso não fez com que ele, inserido em uma cultura binária, heteronormativa e machista visse algum problema com o explorar perucas, maquiagens, unhas postiças, vestidos, etc. "*Ele queria ser uma mulher? Nunca. Ele nunca quis uma cirurgia de mudança de sexo*[5]*. Ele nunca quis ser uma mulher. Era um t-r-a-b-a-l-h-o.*", contou Pat Moran. Dessa forma a película traz para debate a possibilidade de viver outras masculinidades, outras possibilidades de vida. Oportuniza as pessoas compreenderem que não há algo errado, desprezível e/ou indigno nessas expressões para aqueles/as que assim desejam explorar outras possibilidades. Pensar a vida e as relações como porosas e transitórias. Entender que não haveria algo inapropriado, errado mesmo que Glenn/Divine se entendesse como mulher. *I Am Divine* dá visibilidade a outras narrativas, possibilita a (re)produção de outros saberes, outros sujeitos e outras relações (LOURO, 2008; FISCHER, 2002, 2008).

Isso não quer dizer que todos/as irão reconstruir seus olhares sobre Glenn/Divine, *drag queens*, aquilo que aprendemos a ler como o "homem de verdade" e homens que não performam a masculinidade legitimada socialmente. Uma produção como essa diz de um tempo, de algumas reconfigurações, da possibilidade de outros olhares. Elizabeth Ellsworth (2001) ao perceber a força social, política e estética dos filmes, propõe que há em nossas ações – assim como nos artefatos culturais – um modo de endereçamento. Essas produções – através de diferentes escolhas para a sua construção – buscam seus alvos – nesse caso o público, os/as espectadores/as –, o que não lhes garante que serão atingidos, podendo acertar outras pessoas, produzir outros significados. Para ela, não há algo material que defina o modo de endereçamento, pois ele diz de um processo

[5] Atualmente o termo comumente utilizado é cirurgia de redesignação sexual.

(cc) BY-NC-SA

complexo, uma relação estabelecida, o que vai apresentar variações de acordo com as subjetividades e contextos.

"*Ele tinha muitos seguidores. Devido a forma que ele falava e se vestia fazia com que essas pessoas se sentissem à vontade para ser quem elas eram.*": sobre produzir outras possibilidades para si e inspirar outros/as

Após essa primeira experiência, se fantasiando de Elizabeth Taylor, Glenn/Divine passou a frequentar, com seu amigo David Lochary, bailes de *drag queens* em Washington. Eram eventos que não começavam antes da meia noite, realizados em porões de zonas mais pobres da cidade. Ele então, ao perceber que as pessoas levavam aquilo muito a sério, passou a dar outra direção para sua *drag queen*. "*Eu não conseguia entrar na mesma onda que eles. Eu então decidi que iria me divertir porque eles estavam tão sérios em relação a tudo, tão competitivos.*" ele diz em uma entrevista. John Waters se recorda que isso teve início com a modificação das vestimentas: "*Ele então vestia roupas que normalmente uma pessoa gorda não usaria. Ele então percebeu que passaram a prestar muito mais atenção. Eu o encorajei bastante porque ele estava fazendo piada com a arte drag.*".

É possível que a arte drag, através da crítica paródica, pode ser algo intensamente subversivo. Vivemos em uma cultura e sociedade em que as fronteiras do gênero e da sexualidade são constantemente vigiadas. Alguém que participe dessa arte, através da "imitação do feminino", pode ser revolucionário/a causando as mais diversas sensações como, por exemplo, desconforto, curiosidade, fascínio, etc (LOURO, 2004b). Torna possível assumir a transitoriedade, a fluidez e a porosidade daquilo que aprendemos a ler como o "ser homem" e o "ser mulher". Judith Butler (2003) também coaduna com essa proposição. Segundo ela, sem tratar de universalizações, as *drag queens* podem ter um efeito paródico e subversivo, engendrar transformações sociais nas normas de gênero, possibilitando um outro olhar para os sujeitos sobre a realidade e seus direitos. Entretanto, é preciso ter atenção a relação estabelecida entre aquele/a que performa – a *drag queen* – e a sua audiência, visto que podem ser (re)produzidos rompimentos ou naturalizações daquilo que é legitimado culturalmente.

Glenn/Divine passa então a (re)construir sua personagem que destoava diferentes padrões impostos socialmente. "*John queria uma mulher muito grande porque ele*

(cc) BY-NC-SA

buscava o contrário do que normalmente se considerava belo. Ele queria uma beleza de 140 quilos no lugar de uma de 50 quilos. Era isso que ele tinha. A mulher mais linda do mundo por acaso era um homem.", diz Glenn/Divine em uma entrevista. Em meio a isso, Glenn/Divine passou a raspar a cabeça e as sobrancelhas como forma de tornar sua caracterização, portanto seu trabalho, mais ágil e prática. O que não foi visto, junto a outras informações, com bons olhos por seu pai e sua mãe. Em uma conversa, após vê-lo com seu novo visual, eles o expulsaram de casa e disseram para ele esquecer que tinha um pai e uma mãe. "*Foi esse o dia que eu lhes contei tudo. Lhes contei que eu era gay, que eu fumava maconha e usava ácido. Então eu coloquei isso tudo para fora, porque não podia mais viver duas vidas separadas. E eles não conseguiram entender.*", ele relata.

Glenn/Divine desafiava o "estável", o "caminho da felicidade", o "modelo de realização pessoal". Isso não quer dizer que ele não passou por processos de exclusão e outras violências. Suas ações para serem realizadas precisaram, possivelmente, de coragem. Necessitaram compreender que a vida pode ser mais do que aquilo que nos ensinaram, que é possível cuidar de nós mesmos e produzir outras formas de vida, outras possibilidades, outras masculinidades. Segundo Michel Foucault (1984, p. 50) esse é um caminho possível uma vez que em suas palavras: "A partir da ideia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte.". Foucault diz de assumirmos uma visão crítica diante de normativas universais, que levam ao cerceamento de tantas outras possibilidades para as nossas existências. Pessoas como Glenn/Divine podem inspirar para que possamos produzir outras formas de vida, outras formas de olhar para o que nos cerca, nos atravessa, nos transforma, nos (re)constrói.

Dessa forma, Glenn/Divine parte para uma jornada rumo ao desconhecido. Perdeu contato com sua família durante muitos anos, mudou-se para São Francisco onde passa a integrar o grupo de performances *The Cockettes*, em seguida começou a morar em Nova Iorque onde trabalhou em produções teatrais, obteve projeção na cena social e das boates Disco. Ainda estabeleceu uma carreira na música, realizou turnês mundiais de sucesso, teve diferentes namorados e gravou diferentes filmes[6] sobre a direção de seu amigo John

[6] *Pink Flamingos*, *Female Trouble*, *Hairspray* e *Polyester* são alguns filmes em que Glenn/Divine trabalhou com John Waters.

(cc) BY-NC-SA

Waters. Podemos pensar que Glenn/Divine "desafiou" aquilo que a sociedade comumente pauta como sucesso para um homem. "*Ele tinha muitos seguidores. Devido a forma que ele falava e se vestia fazia com que essas pessoas se sentissem à vontade para ser quem elas eram.*", disse Rob Saduski, amigo e assistente pessoal.

Glenn/Divine inspirou – e ainda inspira – diversas pessoas. Suas ações iam contra aquilo que a sociedade moderna, e a escola que faz parte dela, defende. Alfredo Veiga-Neto (2003) nos propõe pensar a escola moderna como uma das principais instâncias que vem (re)produzindo o mundo através do disciplinamento dos corpos e a ordenação rigorosa do tempo e espaço. Para o pesquisador "antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos e de promover a reprodução social, a escola moderna funcionou e continua funcionando – como uma grande fábrica que fabricou – e continua fabricando – novas formas de vida." (VEIGA-NETO, 2003, p. 108). Dessa forma, passamos a ver algumas formas de vida como garantia de sucesso enquanto outras não. Empresários, médicos, jogadores de futebol são profissões habitualmente vistas como carreiras de sucesso, não se tornar uma *drag queen* que atuará em filmes, peças e na cena musical contra aquilo que está posto como o "natural".

Conclusão

Glenn/Divine ainda reatou os laços com sua família e foi escalado para a série televisiva *Um Amor de Família* (*Married... With Children* em seu título original). Entretanto ele faleceu, aos 42 anos, na véspera das gravações em decorrência de um profundo ataque cardíaco no meio da noite. Na última cena do documentário Glenn/Divine, em uma de suas últimas entrevistas, fala sobre a sua trajetória de uma forma inspiradora e poética: "*É aquele sonho de criança, eu suponho. Você acha que nunca vai acontecer, mas eu percebo agora que nada é impossível. Eu conheci boa parte do mundo, pessoas inacreditáveis e ainda há muito o que fazer. Então nada é impossível. Se você tiver um sonho, vá atrás. Talvez você seja um dos sortudos. Se você acredita em algo e acredita em você mesmo, faça.*"

I am Divine conta a história de Harris Glenn Milstead, artista que deu a vida a Divine – personagem que em contrapartida o possibilitou se repensar e reinventar a própria vida. Mostra a história de um homem complexo e contraditório, como qualquer sujeito, que teve coragem para desafiar e resistir aquilo que a sociedade, o mercado, sua família,

(cc) BY-NC-SA

colegas de escola e tantos/as outros/as impunham – e que muitos/as ainda impõem – como o "natural", o "normal", a "ordem das coisas". O documentário também nos mostra que é possível encontrar frestas, ressignificar nossos saberes e olhares sobre aquilo que está posto para assim (re)produzir outras possibilidades. Como disse John Waters: "*Divine representava os/as marginalizados/as. Ele representava aqueles/as que não se enquadravam. Ele exagerou tudo aquilo que os/as outros/as odiavam, transformou em um estilo e ganhou.*". Que possamos assim como Glenn/Divine não limitar nossas existências e pensar em outras tantas possibilidades para nossas relações, sociedade, cultura e nós mesmos/as.

Referências

CONNELL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1224 Acesso em: 02/11/2019.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2° ed. Berkeley: University of California Press, 2005. 324 p.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-76.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Quando os Meninos de Cidade de Deus nos olham. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 33, n.1, p. 193-208, jan./jun. 2008.

(cc) BY-NC-SA

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento. In: FOUCAULT, Michel. *O dossier/ últimas entrevistas*. Org. de Carlos Henrique Escobar. Rio de Janeiro: Taurus, 1984. p. 41-70.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I*: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Área de Estudos de Gênero, IFCH/Unicamp, 2010.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. *Masculinidades em (RE)construção*: gênero, corpo e publicidade. Covilhã, Ed. LabCom.IFP, 2016. 408 p.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 179 p.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... In: V Anped Sul, 2004a. Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_11_02_CONHECER,_PESQUISAR,_ESCREVER.pdf. Acesso em: 01/11/2019.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b. 90 p.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições* (Unicamp). Campinas, SP, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Organizadoras). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1993. 187p.

(cc) BY-NC-SA

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, SC, v. 09, n. 01, p. 09-21, 2001.

SEFFNER, Fernando; NUNES, Cláudio. O corpo a ser estudado, a pedagoga e a classe de alunos: encenando reiterações da masculinidade heterossexual. In: CAETANO, Marcio; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. (Orgs.). *De guri a cabra-macho*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2018. P. 65-85.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, v. 95, pp. 161-190, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 97 - 118.

Recebido em novembro de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.

(cc) BY-NC-SA